

Ana Paula Coutinho¹
Faculdade de Letras, Universidade do Porto



Kristeva, Julia. 2017. *Estrangeiros a nós-mesmos* (1988), tradução de Maria de Jesus Cabral e João Domingos. Santo Tirso: De Facto Editores e Centro de Literatura Portuguesa.

Kristeva, Julia. 2018. *O Futuro de uma Revolta* (1998), tradução de Maria Jesus Cabral e João Domingos. Santo Tirso: De Facto Editores e Centro de Literatura Portuguesa.

Começarei por realçar o sentido de oportunidade destas traduções vindas a lume durante 2018, exactamente quando se assinalava meio século do mítico ano de 68. Se olhássemos apenas do lado da distância que as separa das edições originais, certamente que o seu sentido de oportunidade se esvairia. *Étrangers à nous-mêmes* veio a público em 1988 e *Le futur d'une révolte* em 1998, por altura da celebração dos 30 anos de Maio de 68. Mas se cruzarmos esta passagem inexorável do tempo com o facto de estarmos perante dois ensaios de uma intelectual internacionalmente reconhecida, é legítimo que nos perguntemos, por um lado, como é possível ter-se esperado tanto para traduzir para português europeu² estes dois ensaios e, por outro, se as reflexões que ambos desenvolvem serão pertinentes nos dias de hoje tão marcados pela aceleração e a obsolescência, ao ponto de justificarem ainda agora a sua tradução.

Procurar responder à primeira pergunta é dar conta daquele que constituiu o progressivo silenciamento do pensamento de origem francesa ou francófona em Portugal, à medida da invasão tendencialmente hegemónica do discurso anglo-saxónico em todos os domínios do conhecimento. De resto, esse silenciamento foi sendo operado por um desinvestimento programático na língua francesa quer a nível da escolaridade obrigatória, quer dos meios de comunicação social em Portugal, realizado a par do esmorecer da disponibilidade e da curiosidade dos leitores, ouvintes e espectadores em relação à cultura francófona, tanto em versão original como em tradução. Bastará atentar nas prateleiras das livrarias que ainda resistem, ou fazer uma rápida análise das estatísticas de tradução nos últimos anos, para perceber não apenas como se cortam laços culturais, mas também como se

estreitecem os horizontes de referência da maioria dos leitores, e se limita, *tout court*, o seu pensamento, a sua visão do mundo. Aí residirá certamente a mais profunda razão por que Julia Kristeva não aparecia no mercado editorial português desde 1991, ano em que surgiram os seus romances *Os Samurais* - uma espécie de autoficção da geração *Tel Quel*, de que Kristeva fez parte tal como o seu marido, Philippe Solers - e *O Velho e os Lobos*, uma narrativa entre o policial, o fantástico e o filosófico, ou seja, quase duas décadas depois de obras como *História da Linguagem* (1969) e *Semiótica do romance* (1977) que, aliás, haviam exercido grande influência junto do meio universitário e da crítica literária por ele dominada.

Sobre a segunda pergunta, respeitante à actualidade dos dois ensaios, aquilo que me proponho relevar de seguida deverá responder por si só.

Começo então por *Estrangeiros a nós mesmos*, um ensaio que surge nos finais dos anos 80, quando em França começavam a ser debatidas questões relativas ao multiculturalismo e ao direito à diferença, já então muito em voga no universo anglo-saxónico, em especial no Canadá e EUA, mas que chocavam ainda com a tradição assimilacionista da França. Em 1983, a «Marcha dos Beurs» (jovens franceses descendentes de magrebinos) tinha desencadeado a discussão sobre a imigração, o racismo e a xenofobia, tendo obrigado a França a questionar-se sobre a sua relação com o(s) estrangeiro(s) (expressão que é à partida mais neutra e mais abrangente do que o termo «imigrantes»), num momento de «crise» em que, como haveria de escrever a autora de *Estrangeiros a nós-mesmos* “ a absorção do que é estrangeiro proposta pelas nossas sociedades revela-se inaceitável para o indivíduo moderno, cioso da sua diferença, não apenas nacional e ética, mas essencialmente subjetiva, irredutível” (Kristeva, 2017: 12).

Perante este quadro, Julia Kristeva, linguista e psicanalista de formação, com passagem pelo activismo político de inspiração maoísta, propõe-se primeiro desenvolver uma breve fenomenologia da experiência de ser estrangeiro, que em seguida complementaré com uma arqueologia da figura do estrangeiro no discurso ocidental, desde as Danaídes da tragédia Grega, os bárbaros ou os metecos da Antiguidade clássica, passando por personagens bíblicas como Rute, a Moabita da Bíblia, por autores profanos como Dante, Kant, Thomas More, Montaigne, Hegel, ou mais recentes como Camus ou Cioran.

Nessa perspectiva histórica do convívio com o estrangeiro, a ensaísta releva desde reacções de xenofobia a atitudes de um cosmopolitismo helenístico ou de *caritas* cristã, o que a leva a resumir que a sorte do estrangeiro quer na Idade média, quer ainda nos dias de hoje, depende “de um jogo subtil, por vezes brutal, entre a caritas e a jurisdição política (*ibid.*: 107). Aliás, é justamente em função

da legislação política, e só por causa desta, que existem indivíduos considerados estrangeiros; ou seja, o problema dos estrangeiros decorre de uma lógica clássica, a do grupo político e do seu apogeu que é o Estado-nação, que acabou por provocar um deslizar de raciocínio em cadeia, pelo qual o ser humano é imediatamente considerado não apenas político, como ainda um ser nacional, (*ibid.*: 188). A história do século XX mostraria à saciedade o quanto pode tornar-se perversa e fatal essa associação, na medida em que se tornou possível despojar de direitos humanos milhares de indivíduos que, na altura, por causa da guerra mundial e do anti-semitismo, não eram cidadãos nem tinham pátria, uma situação que se tem infelizmente prolongado neste século, por exemplo com os emigrantes norte-africanos - “harragas” que, atravessam o Mediterrâneo na tentativa de entrarem ilegalmente na Europa, e que chegam a queimar a documentação própria para tornar difícil, ou mesmo impossível, a sua eventual repatriação.

Mas a revisão histórica que nos apresenta Julia Kristeva, e que ela própria defende como distância cultural a preservar de modo a evitar a rejeição ou o arbitrário relativamente ao estrangeiro, atinge o ponto de argumentação mais alto, ou mais decisivo, quando a autora convoca a noção freudiana de inconsciente para expor a interiorização do estranhamento que, em rigor, revoluciona a forma de ver o estrangeiro. Com efeito, o estrangeiro deixa de ser aquele que eu - enquanto sujeito que observa e classifica - vejo à distância, para passar a ser aqueloutro que me habita, que é o meu próprio inconsciente. Tal como o título do ensaio aqui em análise já sugere, cada um de nós é estrangeiro em relação a si-mesmo. De acordo também com a célebre síntese rimbaldiana - «Je est un autre» -, o Eu é um outro, o estranhamento é-nos não só consubstancial como inquietante, acrescentaria Freud. Daí que, como infere Kristeva, “quando nós fugimos ou combatemos o estrangeiro, lutamos contra o nosso inconsciente - este «impróprio» do nosso «próprio» impossível”.

Na esteira, pois, de Sigmund Freud, a psicanalista que também é Julia Kristeva leva-nos a ver que só quando somos capazes de detectar em nós-mesmos o estranhamento é que estamos capazes de não o perseguirmos fora de nós. Estamos assim perante a dimensão ética e política desta perspectiva psicanalítica da figura do estrangeiro que aponta claramente para uma forma de solidariedade, que todavia não é exactamente de raiz filosófica ou moral, antes se baseia na consciência do inconsciente de cada indivíduo.

Para quem, como Kristeva, acumula a condição de estrangeira no sentido político do termo, embora conte também já com a nacionalidade francesa, nota-se bem que um ensaio como *Estrangeiros a nós-mesmos*, funciona como um modo de homenagem ao país e à cultura de acolhimento, para além de expressar um voto

de confiança na capacidade de construção de uma comunidade futura paradoxal, uma comunidade a vir, uma comunidade a erguer-se da própria heterogeneidade de proveniências: “uma comunidade feita de estrangeiros que se aceitam na medida em que se reconhecem eles próprios”. A autora escreveu isto numa época em que a manifesta heterogeneidade da sociedade francesa começava a dar sinais da complexidade das questões e tensões impossíveis de continuar a ignorar; uma situação que, como sabemos, se tem agudizado exponencialmente nos últimos anos, em que o “estrangeiro” se tem tornado cada vez mais o bode expiatório de todos os problemas.

O outro livro, *O futuro de uma revolta*, que na realidade é a reunião de três conferências ou ensaios: “O Espírito de Revolta”, “O Amor por outra língua” e “Eurofilia-Eurofobia”, embora tenha sido publicado 10 anos depois de *Étrangers à nous-mêmes*, apresenta muitos elementos de contacto com ele, donde ter sido uma excelente ideia traduzi-los também de seguida.

No início do prefácio que Kristeva escreveu em 2012 para a reedição de *L’Avenir d’une révolte*, lê-se: “Rebeliões populares, juventude indignada, ditadores derrubados, presidentes que saem dos seus gonzos de oligarcas, esperança e liberdades reprimidas em prisões, processos de carnaval e banhos de sangue. A revolta, chamada *riot no Web*, estaria ela a acordar a humanidade numérica do seu sonho hiper-conectado?” (Kristeva, 2018:12). Eis uma breve radiografia dos tempos que cada vez mais são os nossos, de tal modo que as palavras que a ensaísta então dedicava especificamente à França parecem ter sido escritas há dias, ontem, hoje mesmo:

A França, sempre orgulhosa da sua memória e da sua exceção cultural, mas cada vez mais dececionada com os esquemas e as promessas com que se nutre a política, e hoje prestes a tornar-se abstencionista numa Europa envelhecida, permanece no entanto ainda animada pelo gosto inalterável da liberdade de pensar, no génio da língua francesa e no culto do debate republicano. (ibidem)

Fazendo mais uma vez apelo à sua experiência como psicanalista, Julia Kristeva irá dedicar-se nestes três ensaios, não tanto à revolução de acordo com o modelo da Revolução francesa do século XVIII, e tão-pouco à revolta política, que ela própria considera ser uma versão laica da negatividade que caracteriza a vida da consciência, mas antes à revolta como uma experiência interior radical, à imagem daquilo que acontece no âmbito do retorno retrospectivo (do re-voltar) do processo psicanalítico. É aliás inegável existir aqui uma franca defesa da psicanálise que como, escreve a autora, “nenhuma outra experiência humana moderna oferece ao homem a possibilidade de recomeçar a sua vida psíquica e, desde logo, simplesmente uma

vida, na abertura das escolhas que lhe garante a pluralidade das suas capacidades de relação.” (*ibidem*: 40)

Isso permitir-lhe-á desmontar algumas pseudo-revoltas ou revoluções, por não passarem de uma reconciliação com a estabilidade de novos valores. A propósito, Julia Kristeva frisarà o seguinte, na pegada de uma outra grande ensaísta e filósofa, Hannah Arendt, autora da trilogia sobre *As Origens do Totalitarismo*: “(...) nunca será demais insistir no facto de que o totalitarismo é o resultado de uma certa fixação da revolta ao que é precisamente a sua traição, a saber a suspensão do retorno retrospectivo, que equivale a uma suspensão do pensamento.” (*ibidem*: 17)

Sobre esse assunto, Kristeva iria aliás ser muito peremptória (senão mesmo pessimista) ao salientar que todas as revoluções “traíram fundamentalmente o sentido da re-volta...” (*ibidem*: 102), sobretudo, da revolta que podemos encontrar em forma de crítica na literatura, na filosofia, ou nas artes em geral.

Importa, entretanto, notar que esta reflexão sobre o futuro de uma revolta faz *pendant* com o ensaio de Freud, de 1927, intitulado, «O futuro de uma ilusão», onde a religião é comparada a uma neurose. Além da própria Kristeva fazer uma apologia do ateísmo da psicanálise que, na sua perspectiva, resgata o indivíduo tanto da condição neurótica como do consolo das religiões, dá também a entender que toda a crença na revolução (mas não na revolta) até certo ponto significa uma forma de religião neurótica. Aliás, a defesa que Kristeva faz da revolta, designadamente da revolta cultural, já nada tem do maoísmo que lhe exaltou a juventude, embora possa ter-lhe sido fundamental passar pela experiência dessa crença revolucionária para chegar a este estágio do pensamento sobre a revolta, entendido como um voltar atrás para avançar para a frente, no sentido de recuperar o alcance estético e moral da cultura crítica que integra a tradição europeia.

O futuro de uma revolta inclui um outro ensaio, deveras interessante, sobre “O Amor por outra língua”, que estabelece uma transição entre o «ser estrangeiro», o «ser escritor» e o re-voltar. Escreve Kristeva que “o estrangeiro é um tradutor não ideal: deixa sempre transparecer, mais ou menos, alguma coisa, por onde se insinua a diferença.” (*ibidem*: 49), o que nos permite também auscultar a sua sensibilidade de estrangeira tanto na língua francesa como na sua língua materna, o búlgaro. Quer isto dizer que o escritor (Kristeva recorre a Proust como exemplo) é também um tradutor de experiências e de memórias. Assim, uns e outros, tradutores e escritores, estrangeiram-se a si mesmos, fazem-se continuamente passadores do ser estrangeiro reencontrado em si mesmos, e que muitas vezes é também visto como um lutador com as suas psicoses latentes (*ibidem*: 68).

Finalmente, no último ensaio sugestivamente intitulado “Eurofilia-Eurofobia”, Kristeva dedica-se a pensar a hospitalidade como grau zero da humanidade ,

ela que também foi uma exilada (e alguma vez se deixa de ser exilado?). Nesse sentido, a autora equaciona noções como abjeto e abjeção, e reflecte sobre as dificuldades e impasses vividos pela Comunidade Europeia (agora União Europeia), sublinhando algo que, nos seus termos, constitui o carácter principal da cultura do Velho continente: a valorização do singular, do íntimo, do saber viver, do gosto, dos tempos livres, da pura satisfação, da graça, do acaso, do ludismo (*ibidem*: 82-83). Trata-se de uma reflexão datada de 1997, cujo apelo ao respeito pela diferença europeia continua actual, mas que assenta sobretudo na oposição entre as culturas da América do Norte (EUA) e da Europa, pelo que, se escrito nos dias de hoje, talvez Julia Kristeva fosse levada a rever essa oposição, equacionando, por outro lado, a intervenção ou o impacto de, pelo menos mais um pólo, desta feita, a Ásia...

Numa época em que se contam pelos dedos os intelectuais que acedem à tribuna pública, ocupada agora por múltiplos comentadores polivalentes, ou por *opinion makers* de redes sociais, estamos aqui perante o discurso de quem sabe, até por experiência própria, o que é ser estrangeiro/a, o que é ter vivido revoluções, o que é ter sido uma musa do estruturalismo, e que passados os anos da efervescência revolucionária, desenvolve um pensamento culto, articulado e empenhado sobre duas das maiores problemáticas também da actualidade: a relação com os estrangeiros (imigrantes, refugiados) e a revolta (dos precários).

Não posso terminar esta breve leitura senão com uma saudação aos tradutores, por este trabalho a quatro mãos executado em sintonia, com dedicação e esmero, ao qual teria sido muito oportuno acrescentar uma breve apresentação da autora e da sua obra, de maneira a melhor contextualizar os leitores portugueses. Uma saudação ainda ao Centro de Literatura Portuguesa, que acolhe e promove estes «Diálogos» com o pensamento de autores estrangeiros. Devo reconhecer estar cada vez mais convicta de que o trabalho de um/a intelectual ou de investigador/a em Portugal na área das Humanidades, e em particular dos Estudos literários e culturais, não significa apenas produzir um pensamento próprio, mas deve pressupor também divulgar, através da tradução, o pensamento de outros. Num caso e no outro, estará a contribuir para o desenvolvimento da língua portuguesa como língua de conhecimento, o que não é tarefa pouca.

Notes

1. A partir da minha apresentação pública destas obras, que teve lugar em 20 de Dezembro de 2018, na Livraria Almedina (Coimbra).
2. Em 1994, foram publicadas no Brasil traduções desses ensaios.